

## Análise psicológica do personagem kierkegaardiano Johannes no romance *Diário de um Sedutor*

Psychological analysis of the kierkegaardian character Johannes in  
the novel *The seducer's diary*

---

Cristine Monteiro Mattar<sup>1</sup>

UFF

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo<sup>2</sup>

UERJ

**Resumo:** O artigo apresenta uma análise psicológica de Johannes, o sedutor, de Kierkegaard, a partir da Psicologia Existencial. Nesta modalidade da Psicologia, importa o fluxo da existência no horizonte histórico em que esta se encontra, bem como a noção de eu como movimento incessante, e, portanto não podendo ser abarcada por nenhuma classificação universal. O eu é desespero, tal como posicionado por Kierkegaard. Johannes exemplifica a vivência extrema do estágio estético, marcado pela fugacidade, transformação, inconsistência e impermanência. E são nessas vivências de caráter estético da existência que encontramos os problemas ditos psíquicos, da atualidade. A questão que se impõe é de como buscar uma saída para uma existência que, no momento mesmo que alcança seu objetivo, este se esvazia, – justamente por ter sido alcançado? Este esvaziamento, muito presente na atualidade, revela-se em Johannes, ao querer a permanência do que, ao se realizar, não mais permanece.

**Palavras-chave:** Kierkegaard; Johannes; análise psicológica; estágio estético.

**Abstract:** The article presents a psychological analysis of Johannes, the seducer of Kierkegaard from the Existential Psychology. In this mode of Psychology matter flow of existence in the historical horizon in which this is, and I like the notion of ceaseless motion, and therefore cannot be encompassed by any universal classification. The self is despair, as indexed by Kierkegaard. Johannes exemplifies the aesthetic experience extreme stage, marked by transience, processing, impermanence and inconsistency. And it's in these experiences, marked by the aesthetic character of existence, that we find the so-called psychological problems of today. The question that imposes itself is how to get the output to an existence that at the very moment it reaches its goal, it empties just for having been achieved? This drain is very present today, revealed in Johannes, to want to stay, what to be done, no more remains.

**Keywords:** Kierkegaard; Johannes; psychological analysis; aesthetic stage.

Sören Kierkegaard viveu na Dinamarca entre 1813 e 1855 e empreendeu uma crítica à filosofia especulativa e conceitual e à religião institucionalizada. O filósofo defendia uma compreensão do homem pautada em sua existência concreta, portanto,

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta II do Departamento de Psicologia da UFF (Niterói); Doutora em Psicologia Social (UERJ). Atua na área de psicologia fenomenológico-existencial. E-mail: cristinemattar@ig.com.br

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ; pós-doutorado em Filosofia (UERJ); atua na área de psicologia fenomenológico-existencial. E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

singular, sem abandonar o universal. Permanecer no universal para Kierkegaard significava perder o mais próprio do homem: sua singularidade. Já ficando apenas no singular, correr-se-ia o risco de um subjetivismo e um relativismo extremo, no qual se diz tudo, mas não se compreende nada. A verdade universal e apreendida pela razão lógica, alvo de incontáveis páginas de pensadores que apenas dissertaram a seu respeito, não deveria ser teorizada, e sim apreendida no curso da existência. Criticou a racionalidade que imperava em sua época, o século XIX, e defendeu o agir, que é paixão, subestimado em prol da reflexão e sensatez da era moderna (Kierkegaard, 1846/2001).

Kierkegaard, por meio de seus pseudônimos, escreveu diversas obras com o objetivo de alcançar o indivíduo onde este se encontrava, e lançar-lhe um grito de alerta, a fim de que ele pudesse se dar conta do lugar em que estava, de seu distanciamento em relação a si mesmo, de sua dissolução na multidão. Conclama o homem a ousar ser si mesmo, e não um eterno zero, uma ovelha perdida no rebanho. Foi autor de diversas obras pseudonímicas, o que já consistia em uma estratégia de comunicação indireta para despertar no leitor o interesse em lê-las, levando-o a desfazer os laços da ilusão em que se encontrava (Kierkegaard, 1849/1986).

Estes poucos elementos, retratados no trecho anterior, já apontam para o interesse que o pensamento desse filósofo desperta em uma psicologia que não se pretenda positivista, logo pautada na verdade empírica, nem logicista, que se construa a partir de um pensamento dedutivo. Tal psicologia pretende, menos ainda, posicionar-se em uma vertente existencial-humanista, que acaba recaindo em um subjetivismo exacerbado. Uma psicologia com pretensões à investigação da singularidade, sem abandonar o caráter universal, não poderia então constituir-se a partir do positivismo, nem de interpretações teóricas ou dos pressupostos humanistas. A questão que se impõe é a seguinte: quais seriam os fundamentos para a elaboração de uma psicologia que se pretenda rigorosa, sem reduzir-se totalmente a um universalismo do psiquismo e que considere a singularidade do homem sem cair em um subjetivismo? A filosofia de Kierkegaard parece apontar para uma saída desse dilema, oferecendo fundamentos iniciais para se pensar uma Psicologia Existencial.

A Psicologia Existencial tem como proposta o abandono de qualquer tentativa de categorização do modo de existir do homem, seja a partir da psicodinâmica, seja dos critérios de classificação psiquiátrica, como CID 10 e DSM V; pretende compreender a existência a partir do modo como ela se dá em sua cotidianidade. Por este motivo, Johannes, protagonista de *Diário de um sedutor*, foi escolhido como fio condutor da possibilidade de pensarmos a existência a partir de como ela se dá, sem recorrer aos modelos psicológicos, que apreendem o homem, a partir de suas formulações teóricas.

Uma das preocupações de Kierkegaard foi a de ajudar o homem a sair da ilusão de ser o que não é, ou seja, cristão quando de fato vive a cristandade, religioso quando prioriza as experiências estéticas e éticas. Autodenominando-se cristão, o homem passou a acreditar que não seria preciso agir como tal e que poderia viver em busca somente do prazer ou de acordo com as convenções sociais. Mesmo agindo de forma que contrariasse o cristianismo, continuaria a se autodenominar cristão, já que ninguém o questionaria. Para Kierkegaard (1849/1986), a cristandade era o cristianismo

transformado em mera convenção social. Essa situação, que incomodou profundamente o pensador dinamarquês, fez com que assumisse para si a tarefa de tentar algo que a pudesse modificar. Propôs-se a buscar o homem onde ele se encontrava, ou seja, no estádio estético, quando muito no estático-ético, e começando deste ponto, tentar mobilizar o entrelaçamento estético e ético, posicionando o religioso. E assim, não se perdendo em um individualismo extremo, nem no geral, mas encontrando o singular no universal, e o universal no singular.

Kierkegaard utilizou as obras estéticas e éticas como estratégia da comunicação indireta, pois observou que as intervenções diretas apenas o afastavam daquele que se encontrava sob o efeito da ilusão. Em *Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor* (1849/1986), o filósofo expõe que a duplicidade estético-religiosa de sua obra foi proposital e existia desde o início, tendo sido sua condição dialética fundamental. Recorreu aos pseudônimos na escrita das obras estéticas e assinou as declaradamente religiosas. Avisava ainda, nessa obra, que não houve uma mudança em seu foco de interesse, que sempre consistiu em alertar o homem da situação em que este se encontrava. A partir desta declaração de Kierkegaard, no seu *post-scriptum Ponto de vista*, consideramos que *Diário de um sedutor* faz parte dessa estratégia de comunicação indireta, cujo objetivo seria despertar o leitor para seu modo de existência que se pautava na impermanência, fugacidade, movimento e valorização do prazer em detrimento de qualquer outro posicionamento.

### O Diário do Sedutor

A obra *Diário de um sedutor* foi escrita por Kierkegaard com o pseudônimo de *Johannes Mephistopheles* e editada sob o pseudônimo de *Victor Eremita*. O texto, sob a forma de romance, encerra o primeiro volume de *A Alternativa*, também conhecida como *Ou... ou*, obra de conotação estética, publicada em 1843. Em verdade, o título original é *Diário do sedutor*, pois descreve o método da sedução<sup>3</sup>. Trata-se de uma descrição da vivência extrema na esfera do estético, à qual Kierkegaard vai referir-se em *Ponto de vista* (1849/1986) como uma estratégia para poder alcançar a maioria dos homens de sua época. Afirmava estarem estes homens na esfera do estético e que, para chegar a eles, teria que ir onde se encontravam. E, então, poder tirá-los da ilusão em que viviam.

O editor da história, de posse dos excertos e lendo o título, percebeu tratar-se de uma obra de muito bom gosto e compreensão, com o título em perfeita harmonia com o conteúdo. Diz, ainda, que a característica de ambiguidade de quem havia escrito os excertos possibilitou que a poesia sempre estivesse presente em sua vida. Logo no início da obra, Kierkegaard descreve, *psicologicamente*, o protagonista:

---

<sup>3</sup> Optamos por manter o título das traduções espanhola e brasileira, utilizadas como referência neste artigo. Já na edição de *O lo uno o lo outro: un fragmento de vida I* pela Editorial Trotta (2006), o título do romance aparece como *Diario del seductor*.

A sua vida foi uma experiência constante para realizar a tarefa de viver poeticamente. Dono de uma habilidade extremamente evoluída para descobrir o que de atraente existe na vida, soube encontrá-lo e, tendo-o descoberto, soube sempre traduzir o que vivera com uma veia quase poética (Kierkegaard, 1843/2002, p.15).

Kierkegaard afirma que o elemento religioso estava presente desde o início em todas as suas obras. Em *Diário do sedutor*, o elemento religioso surge nas cartas de Cordélia, a jovem seduzida, ao sedutor, nas quais ela expressa sua imensa dor. Em uma das cartas, Cordélia conduz o leitor ao texto *O pecado de Davi* (Samuel: 2: 11, 1985) e se compara a Urias, o soldado fiel que foi traído e morto pelo rei Davi. Após engravidar Betsabeia, mulher de Urias, o rei ordena que ele deva ficar à frente no campo de batalha, para morrer. Morto Urias, Davi e Betsabeia se casam, e vivem felizes. O crime ficou incógnito, até o dia em que recebem a visita do profeta Natã. Natã conta a Davi a história de um homem rico, que possuía muitas ovelhas e gado, ao passo que seu vizinho possuía apenas uma que comia do seu pão e bebia da sua água; um dia, o homem rico soube que receberia visitas e ordenou aos seus servos que matassem para a ceia a ovelha do vizinho, seu único bem. Ao ouvir a história, Davi mostra-se indignado. Quer saber quem foi o homem que fez isto. O profeta então lhe diz: *este homem é você*. A partir desse momento, a desgraça passa a habitar a casa de Davi. O filho que tivera com Betsabeia adoece e morre.

Cordélia, a moça seduzida por Johannes, compara a única ovelha ao seu amor, sua única riqueza, sacrificada por Johannes. O texto traz ainda como epígrafe um trecho da ópera *Don Giovanni*, de Mozart, que estreou em Praga, no ano de 1787: sua paixão predominante é a jovem debutante. Na ópera, *Don Giovanni* é um nobre que seduz as donzelas prometendo-lhes casamento e, depois, as abandona com a ajuda de seu servo Leporello. O pai de uma delas, o Comendador, é morto por *Don Giovanni* ao defender a filha, mas sua estátua o procura ao final para pedir que se arrependa, sem conseguiu-lo. Então, tomando-o pela mão o conduz ao inferno. Ao final, todos os que foram prejudicados por *Don Giovanni* cantam que a morte dos perversos é igual à sua vida.

Nas três narrativas, de Johannes, Davi e *Don Giovanni*, há um alerta para as consequências dos atos do esteta estrategista. O profeta procede inicialmente de forma indireta, contando-lhe uma história. Mas, vendo que Davi mantinha-se na ilusão de que era um justo, Natã lhe diz diretamente quem ele era. Segundo Kierkegaard (1849/2002), se um homem não quer dar-se conta do lugar em que está, resta àquele que ajuda obrigá-lo a fazê-lo. Já *Don Giovanni* tinha consciência do que fazia, agia de forma direta com as moças e queria logo possuí-las; a estátua o adverte também, diretamente. Kierkegaard, coerente com seu método indireto, adverte sutilmente o leitor, na figura de Johannes, acerca das consequências do modo estético de existir, que acaba sempre no nada, pois ao alcançar sua realização, esta se esvai. No *Diário*, Johannes traçou uma lenta e paciente estratégia de sedução, de modo que a jovem escolhesse, ela mesma, ser seduzida. Enquanto preparava a moça para a conquista, e esta ainda não se dava, ele gozava esteticamente da realidade. Uma vez consumada e a moça conquistada, o prazer desaparecia. Assim diz o narrador:

Nada consigo imaginar de mais árduo que um intrigante cujo fio de intrigas se quebra, e volta então, contra si próprio, toda a sua esperteza, porque nesse momento a sua consciência acorda e logo ele tenta libertar-se das confusas malhas em que se enredou. (Kierkegaard, 1843/2002, p. 18).

Cordélia, por fim, dirige-se a Johannes e cita Goethe: “Vai, desdenha a fidelidade, o remorso virá depois” (2002, p. 18). Puro engodo, pois o remorso só pode vir àquele que se pauta em uma existência ética, à estética só resta o vazio.

Outra questão que se faz pertinente é: por que a escolha, neste texto, deste personagem estético? Por que não escolhemos, por exemplo, o personagem do primeiro capítulo de “Ou... ou” (Kierkegaard, 1843/2006), *O erótico musical?* A justificativa é que Johannes retrata muito claramente o homem de nossa época. Sua verborreia, sua articulação para apenas seduzir, sua procura pelo prazer que não se consuma, sua indiferença pelo outro sob uma capa de que está ajudando, tudo isto consiste no espírito de nossa época. E o que interessa a uma Psicologia Existencial é o modo como o singular se perde no público, acabando por acreditar que as demandas do impessoal são as únicas e absolutas verdades e referências a serem seguidas. A questão que aqui se impõe é: de que modo deve atuar o psicólogo existencial para despertar o homem da ilusão? Se o fundamento de sua atuação fosse behaviorista, bastava que se organizassem estratégias de contra condicionamento. Se psicanalítica, tentar-se-ia, grosso modo, que a comunicação fluida do consciente com o inconsciente se restabelecesse. E ainda, se a perspectiva fosse psiquiátrica, a situação se resolveria com a medicação adequada. Mas, se a questão for tomada como algo que se dá no ato de existir, o que fazer? Para responder a tal questionamento, temos que prosseguir um pouco mais nas elaborações kierkegaardianas.

Quando a vida é tomada como existência não nos cabe pensar em categorias de diagnóstico, nem em dinâmica psíquica. Estas são tomadas como atemporais e universais. O que nos interessa é o caráter de singularidade que se apresenta no horizonte histórico que nos atravessa.

A Psicologia Existencial opõe-se a qualquer tentativa de categorização da existência em classificações diagnósticas. Nesta perspectiva, acredita-se que, ao definir o homem a partir de pressupostos teóricos, quaisquer que sejam, o homem mesmo desaparece, suas expressões ficam obscurecidas e, o que vemos, é apenas o que a teoria diz que ele é. E é por isso que escolhemos uma descrição detalhada sobre um modo de ser de um homem, que Kierkegaard nos apresenta apenas em seu modo de ser. E, como o que nos interessa consiste em suas expressões de desespero, tal como desdobradas por Kierkegaard (1849/2002), é a partir disto que faremos nossas interpretações.

### **Análise psicológica do personagem Johannes**

Em *Desespero: a doença mortal* (1849/1961) Kierkegaard estrutura uma verdadeira obra psicológica. Diz que o desespero constitui-se na doença do espírito. Este que adoece por se justificar no temporal, esquecendo-se da justificação da

existência pelo eterno. Refere-se ao eu e a sua constituição. O eu se constitui na dialética paradoxal do finito e infinito, necessários e possíveis e eterno e temporal. Afirma que a queda acontece pela carência de um desses termos, refere-se à perda do eu no infinito por carência de finito:

Muitos homens que corporalmente vivem no mundo da realidade, não pertencem, no entanto, a ele, senão àquele outro distante. O fato de se perderem na distância e, desaparecerem quase por completo da cena real, pode ser explicado tanto por razões de saúde, quanto de doença. (Kierkegaard, 1849/1961, p. 33-34).

Em Johannes, a constituição do eu se dava no desespero de infinito por carência de finito e que neste tratava-se de uma doença. Johannes percebia o mundo da realidade como desestimulante, e estimulava-se apenas com alguns momentos fugazes. Escapava da realidade não por sucumbir frente a ela, mas, por sua força e determinação, a realidade era muito pouco para ele. E, nesta força e determinação, consistia sua enfermidade, quando caía no finito:

Logo que a realidade perdia para si mesmo o poder estimulante, ficava desarmado e este estado de abatimento constituía seu mal específico. No instante mesmo do estímulo tinha consciência do seu estado e nessa consciência radicava o mal que havia em sua vida (Kierkegaard, 1843/1988, p. 34).

A vivência de Johannes se constituía no desespero dos possíveis por carência de necessários. Para ele, só havia possibilidades a conquistar e, para tanto, elaborava estratégias, manipulava o outro, enfim, o tempo todo jogava e, pouco a pouco, pacientemente, tudo para si e seu prazer era possível. Seu necessário consistia, silenciosamente, na manutenção do prazer, algo do qual não conseguia prescindir.

Ansiar para si só possibilidades implica em poder olhar, somente, para si mesmo. Kierkegaard descreve Johannes como o protótipo do estético e remete-se ao aspecto egoísta desse estágio, definido por Valverde (1843/1988) como narcisismo, ao afirmar que o protagonista dessa obra não é dominado pela angústia, o que o domina é um profundo narcisismo.

Em uma vivência de subjetivismo extremo e a vontade exercida no presente imediato, esse homem torna-se determinado pelos seus desejos, pela indiferença frente ao outro. Sem interioridade e pleno de exterioridade, Johannes funda o sentido de sua vida nas sensações sob o domínio do prazer. Segundo o narrador, o prazer formava-se na finalidade de toda a sua vida. Johannes desfrutava principalmente de dois prazeres na sua vida:

1. “Primeiro desfrutava pessoalmente a estética, após o que gozava esteticamente a sua personalidade. Gozava, então, egoisticamente, ele mesmo, o que a realidade lhe oferecia, assim como aquilo que fertilizava essa realidade; no segundo caso, a sua personalidade deixava de atuar, e gozava a situação, e a si próprio na situação.” (Kierkegaard, 1843/2002, p.16).

2. Deleitava-se na circunstância poética da realidade, “e que retomava sob o formato de reflexão poética”. (Kierkegaard, 1843/2002, p.15-16).

O prazer não estava presente apenas na conquista, mas em toda ação de articular, de desenvolver as táticas, a fim de influenciar e determinar os sentimentos de uma mulher, que ele escolhe como vítima, justamente pelas suas características de inocência e autoestima. Nestas características, encontra o maior prazer em seduzir e em conduzi-la à direção desejada por ele.

Heidegger (1927/1989) refere-se ao cuidado, ao modo da preocupação que se dá na relação *Dasein-Dasein*, e ao modo da ocupação *Dasein-objetos*. Johannes referia-se à sua relação com as pessoas – Cordélia, Eduardo, a tia de Cordélia – como alguém que se relacionasse com objetos, que ele manipulava ao seu bel prazer. Ele exemplifica a etapa estratégica do estágio estético em sua frivolidade e com ausência de compromisso. A sedução é calculada e, pode-se constatar que Johannes toma Cordélia como se ela fosse um objeto de prazer, que o atrai até mesmo no ato de conquistar: “Nada de impaciência, nada de voracidade, tudo gozarei atraindo lentamente. Ela é o que elegi, e sem dúvida a conquistarei.” (Kierkegaard, 1843/1988, p. 50). Mais tarde, declara: “Este ano, no entanto, não aumentei minha coleção de casos interessantes. Esta moça me mantém demasiadamente ocupado. Meus ganhos serão pequenos, mas me consolo por estar na pista do negócio do ano.” (1988, p. 68).

Johannes desejava tornar eterno o seu prazer e para tanto queria alargar, o quanto fosse possível, o presente. Esta tentativa de eternizar o presente fica evidente no seguinte trecho:

Por decorrência, o seu diário não é uma exatidão histórica, nem é simplesmente uma narrativa, não foi redigido no modo indicativo, mas sim no conjuntivo. Embora contenham os pormenores naturalmente anotados após terem sido vividos, às vezes mesmo bastante tempo depois, a narrativa dá, muitas vezes, a impressão de que tudo ocorre naquele mesmo momento, sendo a vida dramática de tal forma intensa que, por vezes, se diria que tudo transcorre diante dos nossos olhos (Kierkegaard, 1843/2002, p.15).

Na medida em que a busca do imediato eternizado fracassa, o esteta torna-se entediado e aprisionado num grande vazio, à procura do instante efêmero, que nunca se realiza, acaba sendo tomado pela melancolia.

Kierkegaard referia-se à ilusão, à transparência, ao pecado, à angústia, à culpa, ao desespero e à queda no existir humano. Em Johannes, estes fenômenos ocorriam do seguinte modo:

- a ilusão do esteta consiste em se acreditar eterno ou crer que aquele momento se eterniza. Junto com isto, acredita na juventude eterna e na dilatação do prazer. No entanto, como o instante só se eterniza na fé, o projeto do esteta fica fadado ao fracasso. Johannes relata seu temor pela monotonia, o desfazer os laços da ilusão: “Eu não temo nem as dificuldades cômicas, nem as trágicas. As únicas que temo são as que vêm associadas ou se identificam com a tediosa monotonia.” (Kierkegaard, 1843/1988, p. 71).

- a transparência no estágio estético relaciona-se com a satisfação, com as sensações, com a visão, na experiência imediata. Johannes refere-se à transparência como uma qualidade designada às pessoas vistas como objetos. No diário, aparece no contexto em que o seduzido transparece ao sedutor num contexto de manipulação do outro. Nessa obra, a transparência refere-se ao olhar, como que desejando saber sobre o outro e, então, manipulá-lo, tal como se manipulam os objetos. Utiliza esse termo com esse sentido quando Johannes articula toda sua conquista a Cordélia.

- o pecado<sup>4</sup>, no que se refere à intranquilidade, muitas vezes também domina Johannes, principalmente quando as situações não ocorrem do modo como ele havia previamente determinado. No *Diário*, esta situação se pronuncia quando retorna à cidade o rapaz pelo qual Cordélia parece se interessar: “Ah, como a vida é cheia de mistérios. Uma coisinha de nada pode perturbar-me mais que o ataque mais perigoso, que é a mais penosa das situações” (Kierkegaard, 1843/2002, p.131).

- a angústia, atmosfera que abre as possibilidades, caracterizando a situação de liberdade e indeterminação da existência, faz-se presente em Johannes como inquietação, não que este se recrimine, já que nele não há dúvida, e sua reflexão consiste na articulação, na manobra. Logo, sua inquietação estava na necessidade de manter-se alerta à consumação de seu objetivo.

- a culpa, como lamentação das possibilidades não escolhidas, não aparece no relato de Johannes. Este homem corrompido seduz Cordélia através de inúmeras estratégias. Sem a menor consideração ética, não assume compromisso com seus atos, o pacto se dá com o estético, por isso, parece não haver espaço para a culpa. Referindo-se ao gosto que as pessoas mostram em relatar seu passado ou sua origem, Johannes afirma como não se atrela a tais situações: “Pessoalmente não procuro histórias – verdade se diga, não encontrei poucas –, procuro o imediato.” (1843/2002, p.88).

- o desespero consiste no absurdo da dialética paradoxal da existência humana e que, em Johannes, se fazia presente na sensação de vazio, tédio, enfim, desespero ao finalizar a conquista. Referindo-se ao acaso, ao imprevisto, no momento em que, embora se utilize de tudo que poderia levá-lo a encontrar Cordélia, isto não acontece, reclama:

Faça que me odeie, que me despreze, que eu lhe seja indiferente, que ame a outro homem. Nada disso me importa, porque o único que eu quero neste momento é que as águas quietas se movam e rompam este silêncio de morte. É uma vergonha para ti, que te crês mais poderoso que eu, deixar-me morrer assim de inanição (Kierkegaard, 1843/1988, p.70).

- a queda consiste no fato de que o homem está sempre em tentação por si mesmo e pelo mundo, na tentativa de resolução da situação paradoxal da existência humana. Em Johannes, consistia em eternizar o prazer e, assim que este findava, era acometido pelo tédio, pelo vazio.

Algumas vezes tem-se a nítida impressão de que Johannes acreditava que ajudaria Cordélia a se tornar mais forte e que na verdade fazia-lhe um favor: “É com a

<sup>4</sup> O termo “pecado” foi usado por Kierkegaard no sentido da possibilidade de escolha. Este tema foi desenvolvido em: Kierkegaard, S. A. O conceito de angústia. São Paulo: Hemus, 1944/1968.



maior firmeza e continência que eu próprio velo para que se possa desenvolver tudo o que nela existe, toda a riqueza de sua natureza divina” (Kierkegaard, 1843/2002, p.92).

A condição de esteta é reconhecida por Johannes, a seguir:

Eu sou um esteta, um erótico, que apreendeu a natureza do amor, a sua essência, que crê no amor e o conhece a fundo, e apenas me reservo a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses, e que tudo chegou ao fim quando alcançam os últimos favores. Sei tudo isto, mas sei também que o prazer imaginável é ser amado, ser amado acima de tudo. Introduzir-se com um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra prima (Kierkegaard, 1843/2002, p.76-77).

Uma análise psiquiátrica, pautada na CID 10 (1993), diria que Johannes era um psicopata, visto que os seguintes aspectos presentes em sua personalidade apontariam para a positividade de uma psicopatia: alegria excessiva, excitação e irritabilidade, interesse por tudo, visão otimista da realização do seu projeto, contato manipulador com tudo e com todos, ausência de sentimento de culpa, ausência de afetividade nas relações, crença de que todo o sofrimento que causava ao outro, no final das contas, seria para seu bem, o imenso prazer em dominar o outro. Em uma interpretação psicodinâmica, a questão trataria de uma personalidade que se fixou em um período inicial da evolução do psiquismo. E ainda, em uma perspectiva behaviorista, trata-se dos condicionamentos ocorridos no seu processo de vida. Em todas estas interpretações, as conclusões se voltam para as categorias universais do eu ou do comportamento humano.

Em uma perspectiva existencial, importa a experiência tal como vivida por Johannes em sua singularidade. Não cabe apreender a experiência de Johannes como uma patologia pelas possibilidades que se apresentam, mas por aquelas que estão ausentes, aquelas das quais o homem doente está privado. Johannes estava privado de viver consoante outra possibilidade que não fosse a extremamente prazerosa. Nisto, consistia a sua queda. A doença, como escassez ou ausência de movimento, consiste na tentativa de paralisar, em uma “queda”, seja no real, na ação ou no imaginário; seja nos necessários, seja nos possíveis, no eterno ou no temporal, na impessoalidade ou no pessoal. Johannes, vivenciando o desespero de infinito, de possíveis e do temporal, carecia de finito, de necessários e do eterno. Aí reside a sua doença mortal: o desespero (Kierkegaard, 1849/2002).

À psicologia clínica existencial cabe mobilizar as possibilidades das quais aquele homem está privado. Cabe, ainda, ajudar o homem a desatar os laços da ilusão, a restabelecer o movimento, tal como fez Kierkegaard através de seus escritos.

### **Considerações finais**

Essa obra de Kierkegaard, assim como outras, foi comentada por diferentes estudiosos deste filósofo. Wahl (1974) defende que a intenção de Kierkegaard com *Diário do Sedutor* seria uma luta contra o romantismo alemão. Tal estilo trataria da máxima da paixão como libertação de toda a filosofia que dava primazia à razão.

Hannay e Marino (1998) referem-se à influência das considerações estéticas de Kierkegaard na literatura dos escritores tais como: Ibsen, Strundberg, Kafka e Mann, como também na pintura de Arshile e Gorky. Neste trabalho, mostramos como a Psicologia também pode se inspirar na filosofia desse emérito pensador da existência. E esta influência pôde ser constatada no desenrolar deste trabalho.

Kierkegaard se utilizou do romance *Diário de um sedutor* para descrever a vivência do estágio estético em sua plenitude e, assim, em uma comunicação indireta, alertar o homem do quanto estava se perdendo, embora na ilusão de que tudo ganhava. Johannes é o personagem escolhido por Kierkegaard para descrever o protótipo do homem estético, marca do seu tempo.

Na contemporaneidade, o estético se revela pela incessante busca do prazer, deliciando-se com o êxtase do dia-a-dia pela busca de novidade. O homem atual corre atrás do consumo de objetos e sensações. Move-se pelos sentidos, deixa-se levar pelos impulsos que lhe dão prazer no imediato. A vida só tem importância no presente imediato. Vive o desejo incessante de perpetuar o prazer, a juventude, a vida. A falta de compromisso com o outro se constitui no modo como se relaciona, já que o outro é tomado como uma coisa; relaciona-se com total indiferença pela existência do outro, anestesia-se frente à fome, à pobreza, à violência, enfim, à dor do outro. Junto ao outro o que funciona é a sedução para, logo mais, descartá-lo. Assim, também se descartam o índio, o pobre, o velho, as crianças de rua, o estrangeiro. A lei que predomina no social é a da maior vantagem.

Nesse romance, Kierkegaard retratou a vivência do homem que prioriza o seu próprio prazer, sem apegar-se a nada ou a ninguém, não reconhece nem aceita os limites, procurando a satisfação de todos os seus caprichos e vontades, indiferente às consequências de suas ações para aqueles que o cercam. Mostrou os aspectos psicológicos da vivência do estágio estético, bastante valorizado e incentivado em nossos dias, em que há o açulamento de todas as paixões, ao mesmo tempo em que ocorre o desprezo para com os valores éticos e religiosos. A vida é percebida como uma grande viagem de aventura, sem linha de chegada, em que parar para pensar é uma perda de tempo e de dinheiro. No entanto, ao buscar ser agitado pelos apelos do contemporâneo, o homem não logra afastar o mal-estar e o vazio, que necessita sempre de mais novidades e inusitadas possibilidades. Na tentativa de não fixar-se a nada, acaba-se por criar uma nova fixidez, a imposição de estar sempre em movimento e, assim, a indiferença e o distanciamento trazem cada vez mais a experiência da solidão e do desamparo. A existência, posicionada pelo estágio estético, ao tentar solucionar os paradoxos da existência, ignorando os limites e contingências, não realiza, fracassa. A Psicologia Existencial, inspirada em Kierkegaard, aponta como possibilidade de saída para a situação em que o homem contemporâneo se encontra – o estético posicionando o ético – ou mesmo para aqueles que posicionam o estético pelo ético, como o Juiz William, personagem do segundo volume de “Ou... ou” (Kierkegaard, 1843/2007) – o salto para o entrelaçamento estético-ético posicionado pelo religioso. Portanto, se o homem existe, conforme esta perspectiva, na tensão constituinte-constituído, que supera a cada escolha realizada como salto individual, a possibilidade de tomar consciência de

si próprio e de suas escolhas e de vislumbrar alternativas, seja ao predomínio da vivência estética ou da vivência ética, estará sempre presente.

### Referências

- Bíblia. (1985) Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas.
- Heidegger, M. (1989) *Ser e Tempo I e II*. (M. Cavalcanti, Trad.) Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927)
- Hannay, A.; Marino, G. (1998) *The Cambridge Companion to Kierkegaard*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Kierkegaard, S. A. (2006) *O lo uno o lo otro*. Um fragmento de vida I. (Begonya Saez e Darío González, Trad). Madrid: Editorial Trotta. (Trabalho original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (2007) *O lo uno o lo otro*. Um fragmento de vida II. (Begonya Saez e Darío González, Trad). Madrid: Editorial Trotta. (Trabalho original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (1988). *Diario de un sedutor*. Barcelona: Ediciones Destino (Trabalho original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (2002). *Diário de um sedutor*. São Paulo: Editora Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (1968). *O conceito de angústia*. (Demetrio Gutiérrez Rivero, Trad). São Paulo: Hemus. (Trabalho original publicado em 1844).
- Kierkegaard, S. A. (1986) *Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor*. Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1849).
- Kierkegaard, S. A. (1961) *Desespero: a doença mortal*. Porto: Livraria Tavares Martins (Trabalho original publicado em 1849).
- Kierkegaard, S. A. (2002) *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret. (Trabalho original publicado em 1849).
- Organização Mundial de Saúde. (1993) *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. (D. Caetano, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Valverde, J. M. (1988). Prefácio. In Kierkegaard, S. *Diario de un sedutor*. Barcelona: Ediciones Destino. (Trabalho original publicado em 1843).
- Wahl, J. (1974). *Études Kierkegaardianes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.

Submetido em maio de 2014

Aceito em junho de 2014